

PEQUENA NOTA

a "CANTHUS" DE MARTIALIS

ARLINDO DE SOUSA

O texto, em que nos apoiamos, é o seguinte epigrama, de dois versos: "Inducenda rota est: das nobis utile munus. | Iste trochus pueris, at mihi canthus erit" (XIV, 168; ou outros números, conforme as edições) Aulus Persius Flaccus (34 — 62?, p. C.), outro poeta satírico, grave como Lucílio, a quem desejou imitar, e cáustico como Marcial diz "Nam quamvis prope te, quamvis, temone sub uno | Vertentem sese frustra sectabere canthum, | Cum rota posterior curras, et in axe secunda" (Satirae Persii, V, vv. 70 — 72, ed. de N. — L. Achaintre, com o título *Satires de Perse traduites en français par Sélis*. . . Paris, 1822, pág. 220). Temo, onis é a "cabeçalha" ou "cabeçalho" do carro; canthus é a "camba" mas o termo é tomado no sentido geral trópico de "carro". Persius foi contemporâneo dos espanhóis Lucano e Séneca. Com eles conviveu e deles recebeu, certamente, informações concernentes aos falares hispânicos. Quintiliano disse bem: "... quamquam eo, tamquam recepto, utiur Persius" (De Institutione Oratoria I, 5). O nosso "recebeu" está, pois, em relação com o "recepto" do autor da *de institutione oratoria* e procura ser bem expressivo. E é a respeito de canthus que Quintiliano escreve as palavras acima, considerando o termo africano ou hispano, e introduzido no latim: "... si quis Afrum vel Hispanum latinae orationi nomen inserat, ut ferrum, quo rotae vincuntur, dici solet canthus; quanquam eo, tamquam recepto, utitur Persius" (op. cit., *ibid.*) Tradução: "... se alguém insere na língua latina um nome africano ou hispânico, como, por exemplo, canthus, ferro por meio do qual as rodas são ligadas, de que, como vocábulo recebido, Pérsio usa".

Observe-se, pois, canthus, empregado por dois espanhóis, Marcial e Quintiliano, e pelo toscano Pérsio, que muito deveu à amizade e cultura lingüística hispana de outros dois espanhóis, Lucano e Séneca. O próprio cognome, Séneca, de velhos estratos indoeuropeus, deveria ter preocupado, sobremaneira, o poeta das *Satirae*. Vêde o magnífico trabalho de Antonio Tovar, *Estudios sobre las Primitivas Lenguas Hispánicas*, Buenos Aires, 1949, capítulo *Sobre la Estirpe de Séneca*, págs. 148 — 153. Inclina-se

para a origem gaulesa de *canthus*, Georges Dottin, *La Langue Gauloise...* Paris 1920; Ernout et Meillet, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots...* Paris 1939; Augusto Magne, *Dicionário Etimológico da Língua Latina*, Rio de Janeiro, 1953, III, s, v. pág. 56. Trabalho simpático é ainda o de José Pedro Machado, *Elementos Hispânicos do Vocabulário Latino*, na *Revista Lusitana*, vol. XXXVIII, págs. 247 — 267 (Anos de 1940 — 43), de que saiu separata. O Pe. Augusto Magne poderia ter visto aí outros derivados portugueses de *canthus*, v. g. *cantrelas*, em Trás-os-Montes e *cantelas*, no Minho, “carro de rodas”, assim como uma fonte do francês *achanter*, Péau Gatineau (*Vie de S. Martin*, p. 102).

Ainda como muito humilde adenda ao precioso estudo do Pe. Augusto Magne, v. *Canthus* ou *Cantus*, damos o que escrevemos na primeira parte das nossas OPRTP (= *Origens Pre-Romanas da Toponímia Portuguesa*), inéditas: *Cantadoira* ou *cantadoura*, *canteiro*, *encanteirar*, etc.. *Cantadoira* ou *cantadoura*: “peça do carro de bois, do chedeiro, onde encaixam duas bonecas ou bunecas, ainda dito *bonecras* ou *bunecras*, e penetram quatro cocões ou coucões que seguram o eixo”, em Amarante, Espinho, Feira, Gaia e Marco de Canaveses, conforme informações que obtivemos, em respostas a inquéritos lingüísticos, entre 1940 e 1945. Em Monção, a *cantadoira* tem o nome de *cacoeira*, de *calx* — *calc* —, segundo supomos, e o sufixo - *oira*. *Canteiro*: “cavalete ou estrado de madeira, duas travessas compridas onde pousam as pipas nas lojas (= *adegas*) ou *adegas*, e que são impedidas de rolar por quatro calços, da mesma origem etimológica de *cocões* ou *coucões*, o latim *calx* — *calc*-. *Cocões* ou *coucões* relacionam-se com a *cantadoira*, como os *calços* se relacionam com os *canteiros* das pipas. *Encanteirar* é “colocar as pipas nos *canteiros*, em Barcelos, Braga, Espinho, Feira e Gaia, pelo menos, e “colocar o barco sobre varas e rolos de madeira na praia”, em Espinho. Tiramos *cantadoira* ou *cantadoura*, *canteiro* e *encanteirar* sempre com a necessária dúvida metódica, científica, de *canthus* “ferro que envolve a roda do carro de bois”, “ferro de corrupe”, “roda”. O povo lavrador acha que o nome *cantadoira* ou *cantadoura* provém de o carro cantar. É uma etimologia popular. O que faz cantar o carro é o eixo e as *bonecras*. Também, se diz que o primeiro piolho, encontrado na cabeça de uma criança, deve ser morto no fundo de um *cântaro* ou *cântara*, a fim de que a criança saia *cantadeira* (informação preciosíssima de caráter folclórico, sociológico e lingüístico). É outra etimologia de índole popular e anticientífica. Na toponímia atual há: *Cantada*, *Cantais*, *Cantanhede*, *Cantazinhas*, *Canteiro*, *Canteiros*, *Cantelães*, *Cantim*, *Cantinhas*, *Cantinho*, *Cantinhos*, *Canto*, *Cantonha*, *Cantos*, *Cantudo*, *Recantes*, etc.. Na toponímia medieval, encontramos: *Cantelaes*, ano de 1220 (*Inquisitiones*, 146), *Cantelaos* ou *Camtelaos* e *Câtelaos*, século XVI (no Arquivo Histórico Português, vol. VII pág. 277, texto do recenseamento ordenado por D. João III, em 1527, no título *Demarcação da comarca de Trallos Montes*). É possível que,

pelo menos, alguns dêstes topônimos provenha de *canthus*, se não provierem todos. O latim *rotundus*, de sentido aproximado, deu grande número de povoações e sítios (Vêde os meus ELTP = Elementos Latinos da Toponímia Portuguesa, a sair; Úmica — Região do Município da Feira, Aveiro 1954; Estudos de Língua Portuguêsa... Rio de Janeiro, 1956). Cf. o grego *Strongyle Stroggyle*, ilha Grossa, atualmente (Rufus Festus Avienus, *Ora Maritima*, v. 453, ed. de Adolf Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I). José Leite de Vasconcelos falou, a propósito de *Cantinus*, antropônimo, duma voz *Cant*. “brilhante, branco”: “*Cantinus*... très répété dans le monde celtique, et que peut-être se décompose ainsi: *Cant* — *iu* — *s* = *Cant* — *io* — *s*, du th. *canto-*, “brillant” “blanc” (Opúsculos V, pág. 76). Há, pois, que ter em consideração não só *canthus*, mas também esta outra voz *cant-*. Com o mesmo étimo *canthus* relacionou W. Meyer Lübke, (REW, 1616), canto “ângulo”, “esquina”, “pedra grande para esquadria”. De igual modo F. Adolfo Coelho, com apoio no grego *chanthos*, “canto do olho” (Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguêsa...). A.A. Cortesão ligou *canthus* a um celta *Kant* (Subsídios para um Dicionário Completo (Histórico-Etimológico) da Língua Portuguêsa, Coimbra, 1900), possivelmente o mesmo que o Pe. Augusto Magne dá: “Prende-se à raiz * *qanth*, alargamento da raiz **qamb*, esquina, dobra, v. gr., de *campus*, *camera*, *camurus*” (op. cit., *ibid*). Frédéric Diez considera *canthus* de origem hispânica ou africana, apoiando-se em Quintiliano, vocábulo, depois, recebido pelos Romanos e divulgado pelos escritores (*Grammaire des Langues Romanes* “traduction par Auguste Brachet et Gaston Paris”, Paris, 1874, vol. I, p. 85). Esta iberidade, em que Diez crê, é, pensamos, de boa natureza. O primeiro testemunho de *canthus* é de Aulus Persius Flaccus, que bem pode ter recebido o vocábulo, diretamente, de seus amigos Lucano e Séneca, ambos hispanos, ou indiretamente, de Lucílio, sua fonte de inspiração poética, para quem os falares de Hispânia seriam familiares, como se depreende de *bracae* (v. 409, ap. Adolf Schulten, *Fontes*... IV, pág. 94). por êle empregado, e, igualmente usado pelo espanhol Marcial (XI, 21). Quintiliano que muito admirou Pérsio: “*Multum, et quidem verae gloriae Persius meruit*”. (op. cit., IV, 29) é outra fonte documental do termo, como, acima, vimos e com segura razão, cremos, lhe dá origem africana ou hispânica.

É claro que, para entender-se a significação de *canthus*, de Marcial, é necessário compreender-se o trocadilho entre *trochus* “arco de ferro, usado como divertimento, a que eram apenas argolas bamboleantes que emitiam sons agudos, quando o brinquedo era jogado” e *canthus* “arco, aro, círculo de ferro, inteiriços, ou dividido em duas meias-luas, para proteger ou fortalecer as cambas das rodas dos carros”, e, por extensão, “roda” e “carro”.

Os dois versos: “*Inducenda rota est: das nobis utile munus. | Iste trochus pueris, at mihi canthus erit.*”, podem traduzir-se do seguinte mo-

do: “Uma roda deve ser fortalecida [por um arco, aro, círculo ou meias-luas]; dás-nos um presente útil. Este arco será [porém, útil] para as crianças; a mim (será útil) a roda (tôda) (o carro, enfim).

Ao que Marcial quer mesmo referir-se é ao *canthus* dos agricultores e carreiros de sua pátria. Um têrmo de audosismo do poeta. Leve recordação de muitas outras que êle, ausente, mimadamente, nutre, do Salo, de Bilbilis que sonha às suas margens, de tôda a Hispânia. E essa hispanidade heróica do vate é, ainda, hoje, passados milênios, a nossa hispanidade, pois conservamos, com o semanticismo de antanho, religiosamente, cantrelas, em Trás-osMontes e cantelas, no Minho, “carro de rodas” em que se encontra bem manifesta a base *canth-* *cant-*; e, ainda, cantadoira ou cantadoura “peça (duas) isoladas dos carros de bois”. Também, o povo, de cultura linguística precaríssima, relaciona cantadoira ou cantadoura com o verbo cantar — *cantare* — *canere*. Mais para estranhar-se é que eminentes comentadores de Marcial tenham feito o mesmo, com respeito a *canthus*.

Em várias edições de Marcial vê-se o termo ligado ao verbo *cantare* — *canere* “cantar”, e, por essa razão, *cantus*, em vez de *canthus*, sentindo-se os comentadores, em sua maioria, apoiados na expressão “*garrulus... annulus*” do epigrama, a seguir (XIV, 169, v. 1), que desenvolve a idéia de *trochus* e esquece a de *canthus*: “*Garrulus in laxo cur annulus orbe vagatur? | Cedat ut argutis obvia turba trochis*”.

Admirável é a interpretação dos “*The Epigrams of Martial translated into English prose... Convent Garden, London, 1860*”, a melhor que vimos até hoje: “A wheel must be protected (with a tire). You make me a useful present. It will be a hoop to children, but to me a tire for my wheel”.

Canthus vê-se em: M. Val. *Martialis Epigrammata cum Notis Th. Farnabii*, Amsterdami, 1644, com valiosíssimas notas, em latim; M. Val. *Martialis ex Museo Petri Scriverii*, Amstelodami, 1644; M. Val. *Martialis Epigrammata*, Demptis Obscenis, *Addit Annotations et Interpretationem Josephus Juventius*, Romae 1703, com notas preciosas, em latim; M. *Valerii Martialis Epigrammatum Libri*; ad *Optimos Codices Recensiti et Castigati*, Parisiis, 1754; M. V. *Martialis Epigrammata ad Codices Parisinos accurate Recensita Variis Lectionibus, Notis Veteribus et Novis, Graeca Interdum Versione, Notitia Literaria et Indice Locupletissimo Illustraverunt Quinque Parisiensis Academiae Professores*, Parisiis, 1825; com esta preciosa nota: “*Quidam non bene cantus, per hoc intelligentes fragorem, strepitum, tinnitus trochi missi. Alii, ut nos canthus, ferrum nempe quo circum rota munitur*” (vol. III, págs. 259 342); na edição “*sous la direction de M. Nisard, Paris, 1843; Oeuvres Complètes de M. V. Martial, avec la traduction de MM. V. Verger, N. A. Dubois et J. Mangeart, Paris, Garnier; M. Valeri Martialis, Epigrammaton Libri, texte*

établi, traduit et annoté par Pierre Richard, Paris, Librairie Garnier Frères, 1931; com tradução pouco clara: “Un cerceau équipé pour le lancement, voilà (je t’en remercie) un présent utile: aux enfants le cerceau, à moi la garniture” (vol. II, p. 393).

Canthus vê-se em M. Val. Martialis Epigrammaton Libri XIII interpretatibus Domitio Calderino, Georgioque Merula cum indice copiosissimo... Venetiis 1552, fl. 118; além do comentário “cantus ferrum significat, quo rotae vincuntur...”, com apoio em Quintiliano, êste outro “Alii cantus, id est harmoniam dixerunt quod placet...”; M. Val. Martialis Epigrammata Libri XV Lugduni, Apud Ant. Gryphium, 1588; M. Val. Martialis Epigrammaton Libri XII. Xeniorum Lib. I. Apophoretorum Libri I... Lugduni Batavorum, Ex Off. Platiniana”, 1595; M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri Omnes Novis Commentariis... a Matthaeo Radero, S. J. Ingolstadii, 1602, com notas muito longas, em latim; inclina-se a ligar a cantus, de cantare — canere; M. Valerii Martialis Epigrammatum Libros XV. Interpretatione et Notis Illustravit Vincentius Colesso. Parisiis, 1680 o comentador interpreta: “Impellenda est rota: nobis largiris donum utile. Pueri delectabuntur eo trocho, ego vero cantu”; e, a respeito de at mihi cantus, diz: “Nempe tinnitus ille trochi missi. Alii canthus, ferrum nempe quo circum rota munitur”; há ainda do mesmo comentador outra edição de Venetiis, 1739.
